

Núcleo de Educação Popular 13 de Maio - São Paulo, SP
CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

08/Agosto/2016

O Estado terrorista francês na rota da ingovernabilidade.

Henrique Lorenz e Pedro Minsk, da redação.

Se Debord¹ ainda estivesse vivo, possivelmente diria que François Hollande – chefe do partido socialista e presidente da França – não passa “*d’un terroriste maladroit*”². Ou que a França não faz mais Napoleões como antigamente. As guerras do *grand empereur*³ eram bem mais espetaculares que os inglórios atentados terroristas atuais do Estado francês comandado pelo anão Hollande, diria o autor de *La Société du Spectacle*. Mais do que em qualquer outro país imperialista, o governo francês tem oprimido seus cidadãos com uma série fatal de espetáculos terroristas, em meio a contínuos protestos políticos, greves de sindicatos e agitação de movimentos sociais. Essa forma de governar promovendo o medo e um crescente stress entre os cidadãos do país tornou Hollande o presidente mais impopular da história moderna da França. A banalização do espetáculo pode ser a porta de entrada da guerra civil.

O governo do anão do Champs-Élysées tropeça em obstáculos materiais que impõem os limites do terrorismo de Estado e do medo como formas de abafamento das rebeliões sociais. Os espetáculos do Estado terrorista francês se banalizam e tornam-se irritantemente repetitivos para todas as classes sociais. Os representantes do governo francês já são vaiados pela classe média quando se apresentam nas cerimônias pelas vítimas dos atentados. Algo está podre no Estado de direito da França. E a ingovernabilidade fica mais próxima quando o enfraquecimento econômico e as tensões sociais atingem níveis que já ameaçam de ruptura os próprios negócios privados da burguesia francesa e investidores globais no país.

Hollande e seus asseclas socialistas fazem o que pode para administrar os negócios da burguesia e salvar o capital em uma situação em que as bases materiais da governabilidade burguesa desaceleram perigosamente. Obstáculos materiais aparentemente intransponíveis. Durante a recuperação capitalista global dos últimos seis anos – fortemente monopolizada por EUA e Alemanha – a produção industrial francesa continuou estagnada no mesmo nível do último choque (2008/2009). Mísero 1.2 % de crescimento entre 2010 e 2015. Em situação pior que a França, a produção industrial caiu 7.2% na Itália; 6.5 % na Espanha e 1.5 % na Inglaterra. Das grandes

¹¹ Guy Debord, revolucionário francês, membro fundador da *Internationale Situationniste* [Internacional Situacionista] e autor – dentre outras obras literárias, artísticas e cinematográficas – da conhecida *La Société du Spectacle* [A Sociedade do Espetáculo], novembro de 1967. Suas obras mais ou menos completas podem ser encontradas in “*Guy Debord, oeuvres*”, Editions Gallimard, 2006. Paris, 1901 pgs.

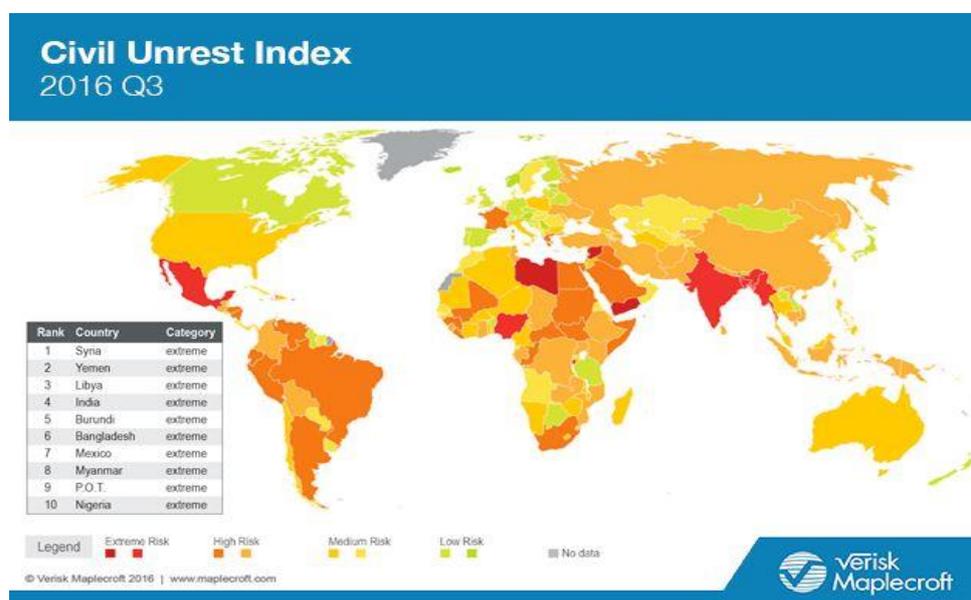
² [de um terrorista trapalhão]

³ [grande imperador]

economias europeias, só a Alemanha cresceu no mesmo período (10,3%). Dados da Eurostat. Desenvolvimento desigual e combinado também entre as grandes potências europeias. A taxa oficial de desemprego na França é de 10.4%. Para a população ativa até os vinte e cinco anos, essa taxa sobe para 24.7%. A classe trabalhadora da França sente-se cada vez mais insegura e ameaçada pelas políticas do governo para aumentar sua exploração e salvar o capital. O risco de ruptura aumenta.

A própria classe capitalista se inquieta com as repetidas e desgastadas manobras terroristas de Hollande *et caterva*. A França apresenta atualmente um “risco de ruptura dos negócios” mais elevado que o Afeganistão nos informa recente relatório (03/Agosto/2016) da firma de consultoria de risco empresarial *Verisk Maplecroft*, de Londres. Quer dizer, investir seu querido capital na economia da França é mais arriscado do que na economia do devastado Afeganistão.

A economia francesa tornou-se a de maior risco dentre as grandes economias ocidentais, segundo o relatório da *Maplecroft*, que já classifica o país como “alto risco” – ao lado de economias dominadas de péssima reputação de instabilidades econômicas e políticas, como África do Sul, Brasil, Argentina, etc. O *Civil Unrest Índice* (CUI)⁴ estabelece o ranking para 196 países do mundo de acordo com disparadores de agitações sociais como a frequência e gravidade de manifestações e protestos de massa, efeitos nos negócios e mecanismos no país para evitar rupturas ou interrupções da ordem.



A França está classificada no ranking global do CUI do último trimestre (Abril-Junho 2016) como o 16º país de maior risco no mundo. Tornou-se mais vulnerável que o Afeganistão. Figura ao lado de países tradicionalmente vulneráveis e instáveis como Índia (4º no ranking); México (7º); Nigéria (10º); África do Sul (13º); Argentina (15º) e Brasil (21º). O único outro país da Europa Ocidental a aparecer nas primeiras colocações do ranking do CUI foi a Grécia (25º) enquanto a Itália é a próxima (77º)

⁴ [Índice de Revolta Civil]

com “médio risco”. Alemanha e Inglaterra estão classificadas na 140ª posição do ranking, como de “baixo risco”.

Em seu relatório, a *Maplecroft* alerta que “as empresas que quiserem migrar para um país seguro devem evitar a França”. E complementa: “ A França sofreu protestos significativos em uma frequência semanal, durante os últimos doze meses, e carece de meios para prevenir a escalada das reivindicações. Paris foi atingida em Junho por violentos protestos, por exemplo, quando a polícia militar entrou em confronto com manifestantes contrários à nova lei trabalhista. As greves devem continuar neste ano”.

Governabilidade e ingovernabilidade dependem sempre da capacidade burguesa de controle da luta de classes ou, ao contrário, da incontrolável elevação da temperatura das rebeliões operárias contra o aumento da exploração capitalista. O certo é que a economia acaba mais cedo ou mais tarde entrando em crise e esterilizando expedientes políticos do Estado moderno de abafamento totalitário da luta de classes. Como ocorre atualmente na França, onde os mecanismos espetaculares do terrorista Hollande já dão mostras de esgotamento, levando os próprios capitalistas, como observamos, a se preocuparem com a possibilidade de falência dos seus sagrados negócios no país. Os instrumentos atuais do Estado francês para evitar as rebeliões sociais e a ruptura da ordem democrática tornam-se menos eficazes. Torcemos para que se confirmem as preocupações burguesas com essa perspectiva de ruptura, *pari passu* com o aumento de ritmo e temperatura das batalhas sociais, onde a classe operária francesa detém larga e gloriosa experiência histórica.